

Economia já vive época de retração

CLEY SCHOLZ

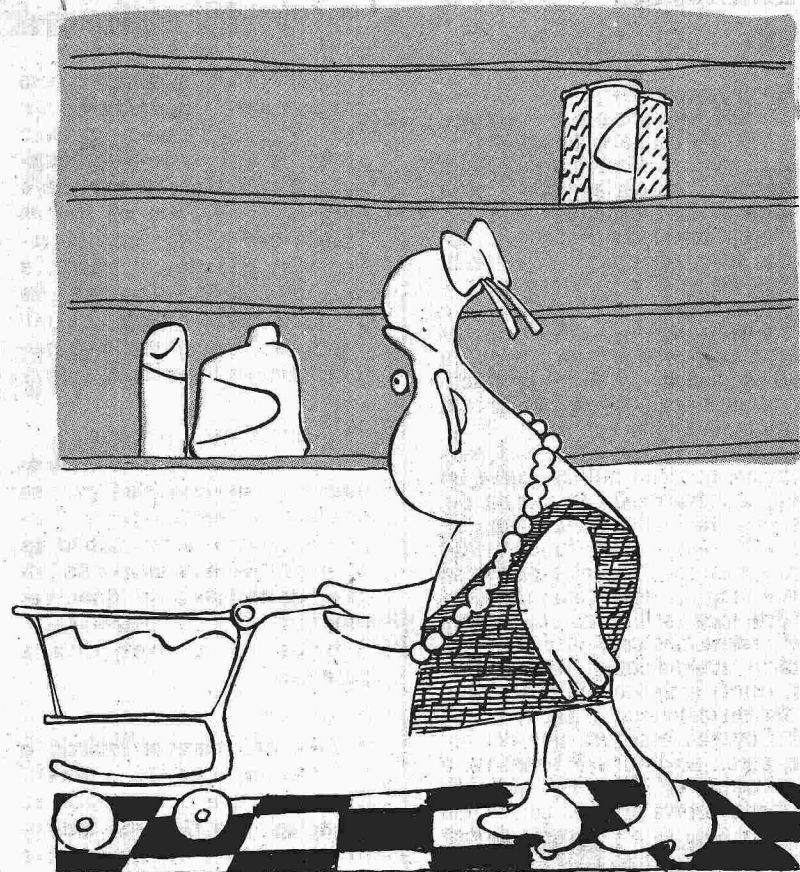
SÃO PAULO — A retomada das vendas do comércio após o carnaval ainda não afastou o fantasma da recessão econômica. Por enquanto, os lojistas estão vendendo apenas os estoques disponíveis, mas não fazem novos pedidos à indústria por causa dos preços altos. Tanto os empresários da indústria como do comércio continuam cautelosos em relação ao futuro, pois os ventos recessivos estão sendo sentidos, mas a duração e a dimensão da crise dependem da política de juros e de preços.

— Quem não acredita na recessão está no mundo da lua — afirma o Presidente da Associação Brasileira de Papel e Celulose, Horácio Cherkassky, explicando que a retração na economia está sendo provocada não só pela queda do consumo no varejo mas principalmente pela falta de entendimento entre indústria e comércio a respeito dos preços.

O Vice-Presidente da Rhodia, Paulo Bellotti, comprova o aspecto recessivo do Plano Cruzado Novo dizendo que as vendas do grupo, um dos 25 maiores do País, com receita de US\$ 775 milhões (NCZ\$ 775 milhões) em 1988, caíram 70% logo após o anúncio das medidas, no dia 15 de janeiro.

O economista Marcel Solimeo, do Instituto de Economia Gastão Vidigal da Associação Comercial de São Paulo, diz que as vendas do comércio cresceram a partir do último dia 10, devido a diferentes fatores: volta às aulas e procura por material escolar; pagamento da URP de janeiro e menor retenção de IR na fonte; preços relativos mais vantajosos em consequência do congelamento e prevenção dos consumidores contra a escassez de produtos no mercado.

— O comércio está aquecido e excitado — comemora o Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abran Szajman, dizendo que a procura não se limita ao



material escolar. Os supermercados, diz ele, estão vendendo "como nunca". Ele considera cedo, porém, tanto para festejar a retomada do crescimento do comércio como para lamentar a estagnação das vendas da indústria. Tudo depende das taxas de juros, explica o empresário.

Enquanto o número de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) cresceu de 25 mil ligações diárias em janeiro para 31 mil ligações nos últimos dias, alguns setores industriais, como os de eletrodomésti-

cos, ferragens, perfumes e cosméticos e outros continuam com as vendas praticamente estagnadas desde o anúncio do Plano Cruzado Novo. O comércio não faz novos pedidos, pois, em muitos casos, o preço de tabela do produto é menor do que o da indústria. Um exemplo: uma geladeira Brastemp que foi tabelada em NCZ\$ 600,00 está sendo vendida pela fábrica por NCZ\$ 906,00.

— A situação é crítica e estamos começando a sentir sintomas de desabastecimento e de volta dos produ-

tos maquiados, que são ligeiramente modificados pelo fabricante apenas para burlar o congelamento — afirma o comerciante Girz Aronson, presidente da G. Aronson, uma das maiores redes de lojas de eletrodomésticos de São Paulo. O titular da Secretaria Especial de Abastecimento e Preços, Edgard de Abreu Cardoso, esteve reunido, esta semana, com industriais e atacadistas e garantiu que não existe risco de falta de produtos no mercado.

Ele assegurou que a política de ju-

ros elevados vai ser mantida para forçar a indústria e o comércio a livrarem-se dos seus estoques.

— O custo do produto estocado torna-se desvantajoso. Os juros só devem começar a cair em março e o congelamento vai ser mantido por enquanto, garantiu o Secretário da Seap. Segundo ele o Plano Cruzado Novo desencadeou um processo de renegociação de preços e o Governo não deverá intervir, por ora, mesmo nos casos onde os empresários alegam riscos de desabastecimento. O

argumento do Secretário é o de que qualquer precedente pode pôr em risco o congelamento.

Os segmentos da economia que dependem do Governo, como o da construção de obras públicas ou a indústria de tratores, são atingidos de forma mais grave. O Presidente da Associação Paulista de Empreiteiros de Obras Públicas, Carlos Zveibel Neto, afirma que os empreendimentos em habitação popular, saneamento básico e construções de obras públicas estão semi-paralisados porque a maioria dos contratos era regida pela OTN, que foi extinta, e o custo da edificação subiu 41% nos primeiros 15 dias de janeiro.

A indústria de tratores, por sua vez, vive uma das mais graves crises da sua história, segundo o Presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), André Beer. O motivo é a falta de definição sobre os preços mínimos da agricultura. Outros segmentos da indústria automobilística também enfrentam problemas, não pelas vendas, que continuam estáveis, mas pela falta de autopeças e pneus. Esta semana o estoque de veículos incompletos chegou a cinco mil unidades e algumas fábricas chegaram a colocar automóveis sem esteques nas suas concessionárias.

— Por enquanto o quadro está muito nebuloso para falarmos em demissão em massa, mas isso pode acontecer se os problemas de preços não forem solucionados — afirma o Vice-Presidente da Anfavea e Diretor da Autolatina, Jacy Mendonça. Segundo ele, as dificuldades de produção da indústria podem provocar uma reação em cadeia que pode gerar quebra de empresas e desemprego, mas isso pode ser evitado pela política de preços e de juros. No caso das montadoras, os fabricantes alegam que estão com seus preços defasados em 30%. As maiores dificuldades com os fornecedores são nas áreas de pneumáticos, faróis e peças elétricas em geral.